

A IDEIA DE FORMAÇÃO¹

Edith Stein

Tradução de Enio Paulo Giachini² e Juvenal Saviani Filho³

Como todas as palavras terminadas em *-ung*,⁴ o termo *Bildung* (*formação*) contém, por sua própria *forma*, um sentido múltiplo: denota, por um lado, a atividade de formar ou o processo de modelar; e, por outro, o resultado dessa atividade, o objeto “formado”, a condição que lhe confere tal caráter. Conforme ao *conteúdo da palavra*, por *formar* entende-se *formar um material* e, assim, *produzir uma imagem* ou *algo modelado*. Se dizemos *modelagem*, queremos significar que se trata de algo retrabalhado, ordenado. Se dizemos *imagem*, queremos significar que se trata de uma cópia de algo originário. Faz parte, portanto, do processo de formação que um material assuma uma forma, a qual faz dele uma cópia de algo originário.

1 MATERIAL DA FORMAÇÃO

O que se considera como material aqui? Tudo o que não esteja formado de maneira pronta e seja ainda passível de formação. Falo do que não está formado de *maneira pronta*, porque, no âmbito da experiência, nunca encontramos algo pronto. Caso nos venha à mente a matéria totalmente informada – a *materia prima* [em latim, matéria-prima]⁵ da

¹ Texto extraído de *Bildung und Entfaltung der Individualität. Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2001, p. 35-49.

² Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE – Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@gmail.com

³ Doutor em Filosofia pela USP. Professor da Unifesp. *E-mail*: juvenal.saviani@unifesp.br

⁴ [Palavras alemãs traduzíveis geralmente em português com o sufixo *-ão*. N. T.]

⁵ < A matéria primeira. > [A matéria primeira ou matéria-prima é a fonte indeterminada das inúmeras possibilidades oferecidas aos entes e das porções singulares de matéria de cada ente material. Falamos, aqui, da matéria-prima como fonte “indeterminada” no sentido de que, sob a perspectiva do conhecimento humano, ela não pode ser percebida de maneira determinada, quer dizer, com formas nela impressas, as quais são condições essenciais para haver percepção e mesmo conhecimento abstrato. Dito de outro modo, não há fenômeno da matéria-prima, e dela só podemos falar por aproximação ou mesmo por dedução, dado que dela não temos experiência direta. Só temos experiência de entes já dotados de matérias determinadas, quer dizer, das porções singulares de matéria que lhes são próprias. N. T.]

qual falava, por exemplo, a Escolástica –, deve-se lembrar que se trata de algo ao qual apenas Deus tem acesso. Quanto a nós, só temos condições de considerar os entes *modeláveis* da sua criação. Aliás, no modo como saem da mão de Deus, eles já são material formado, mas *não material formado de maneira pronta*, como se nada mais se pudesse formar neles. Antes, pertence a todo material a *formabilidade*, a receptividade a novas formas.

1.1 MATÉRIAS E COISAS INERTES

Passíveis de formação, em primeiro lugar, são as *matérias inertes*. Elas podem ser tanto modeladas segundo uma *forma vinda do que as circunda*, forma esta que é, então, ao mesmo tempo, *algo originário* em relação ao conjunto a ser formado (modelagens — quer dizer, moldagens, impressões — em metal, cera etc.), como refeitas por uma *intervenção direta* que também reproduz *algo originário* visualizado como modelo pelo *formador* ou que ele traz em seu espírito. Até as *coisas* que já podem ser claramente vistas como matérias formadas admitem ainda formação, uma nova formação ou mesmo uma transformação: por exemplo, o diamante é polido e colocado em um anel; o tijolo, junto com muitos outros, une-se numa casa, e assim por diante.

1.2 MATERIAL VIVO

1.2.1 Plantas

O material vivo também é passível de formação. Analisemos o mundo das plantas. A videira resulta em modelagens muito diferentes se é atada a estacas, ou se se a faz agarrar-se a uma parede da casa, ou, ainda, se se faz que ela se enrole nos arcos de uma pérgola. Por exemplo, a arte da jardinagem aprendeu, nos séculos XVII e XVIII, a produzir as mais diversas e incríveis modelagens com cortes do teixo. Seja como for, é de acordo com sua pura natureza material que as matérias vivas como as inertes são passíveis de formação. Mas aos limites que a natureza das coisas já impõe à atuação formadora podem ser acrescentados outros novos. As coisas inertes ficam, em certo sentido, “prontas” em nossas mãos; afinal, se nada lhes acontecer, vindo de fora delas, elas permanecem inalteradas. Já as plantas, porém, mudam diante de nossos olhos e mostram formar-se mesmo sem intervenção externa. Trata-se de uma formação a partir do interior: uma *forma* interna atua como formadora; e nossa

eventual intervenção nas plantas só pode ser feita de fora, porém de acordo com essa forma interna. Do contrário não obteremos nenhum efeito. A filosofia aristotélico-escolástica chama de *alma* a esse princípio interno de vida: alma vegetativa ou alma nutritiva. Invisível e misteriosa, ela repousa na semente e a faz absorver e processar as matérias que lhe são úteis em seu entorno; ela organiza a matéria, quer dizer, com sua modelagem singular e mediante um modo de ser determinado, produz a partir da matéria o *organismo*, conglomerado antes disperso; ela enforma a matéria – seja aquela que adere a ela originariamente e cresce com ela, seja aquela que é absorvida do exterior –, porém sempre segundo uma imagem que ela mesma não visualiza nem sensorial nem espiritualmente e que lhe é imposta como meta para a qual ela tende por força de uma tendência interna cega. Com a planta, não podemos fazer nada que já não esteja nela. Nela há várias possibilidades, e, assim, dependendo das influências externas, pode assumir este ou aquele formato. Entre as influências externas não estão só a intervenção formadora de que falamos anteriormente (como amarração, poda etc.), mas também as influências puramente naturais, como a condição do solo, o clima e assim por diante. O efeito dessas influências é grande; elas podem fortemente atrapalhar ou promover o processo interno de formação, a formação segundo aquele algo originário que a orienta. É possível haver ainda uma intervenção mais profunda e planejada, com base no reconhecimento das influências externas da natureza, e, assim, até uma proteção do processo de formação interna contra influências externas inibidoras; tal intervenção planejada só pode dar-se sobre a base do reconhecimento do processo interno de formação e dos diversos recursos possíveis nas diferentes condições. Assim, a forma interna pode ser levada à modelagem desta ou daquela variedade.

1.2.2 Animais

Vamos agora subir mais um nível no reino dos seres vivos: *o animal*. Também aqui são possíveis intervenções puramente externas para alterar a modelagem deles: podem-se tosar a ovelha ou o poodle, o rabo do cavalo etc. Pode haver também intervenções mais profundas, propiciando condições mais apropriadas de vida por meios de reprodução e outras práticas semelhantes, o que permite fortalecer o processo de formação interna e contribuir para que o que é *originário*, a *espécie*, efetive-se da maneira mais pura possível. Mas a forma interna, aqui, é essencialmente diferente daquela da planta. A *alma animal* desempenha as mesmas funções que as

da alma planta – recepção e organização de matérias do entorno –, mas pode fazer mais: desse material organizado ela pode dispor de maneira *determinada* e a partir de dentro – o *corpo subjetivo* –;⁶ⁱⁱ por exemplo, ela pode, por um lado, *mover* o corpo subjetivo e fornecer-lhe matérias pertencentes a um raio mais amplo, das quais ele precisa para sua construção, e, por outro lado, também pode afastar influências externas ameaçadoras. Esses movimentos a serviço da autopreservação têm como pré-requisito que o que é impulsionador ou inibitório pode ser *sentido* como tal; assim, a alma animal não é apenas uma *alma motriz*, mas também uma *alma sensitiva*.⁷ⁱⁱⁱ Há uma efetiva *vida anímica* aqui, e ela subsiste no intercâmbio interativo entre *estímulos* e *reações*. Essa interação apresenta tipos diferentes nas diversas *espécies animais*; conseqüentemente, pode-se e deve-se falar não somente da exterioridade do animal, mas também de uma formação ou modelagem de sua alma. A forma interna trabalha para dar à alma e ao corpo subjetivo uma modelagem determinada. Mas, pode-se perguntar: até que ponto pode esse processo ser influenciado do exterior? Podem-se provocar estímulos de maneira planejada e, assim, desencadear reações correspondentes; com isso, é possível influenciar amplamente suas habilidades externas. Essa é a base de todo e qualquer *adestramento*. Mas também é possível exercer influência no processo de formação interna, variando as condições de vida, e co-determinar, então, a *modelagem da alma*: domar e disciplinar. Todavia, se, por um lado, o alcance das influências da formação é ampliado, por outro lado, tais influências também podem ser muitas vezes frustradas pela natureza animal em cada caso singular, pois ele pode se resistir.

⁶ ii [Em alemão, há duas palavras que podem ser traduzidas por *corpo* em português: *Körper*, que significa o corpo em sua materialidade, e *Leib*, que significa o corpo vivenciado por quem o possui, o corpo percebido por quem o possui. Optamos por traduzir *Leib*, aqui, por *corpo subjetivo* a fim de explicitar que se trata do corpo do qual seu possuidor tem certa consciência, o corpo habitado com certa “clareza de visão”. Obviamente, não pretendemos dizer que os animais não racionais são seres subjetivos assim como o são os seres dotados de subjetividade (autoconsciência reflexiva e liberdade, como é o caso dos seres humanos), mas apenas que eles são *sujeitos* ou *suportes* no sentido do termo *subjectum* empregado no vocabulário aristotélico-escolástico já mencionado por Edith Stein: eles são sujeitos ou suportes de um corpo do qual podem dispor com o respectivo grau de autopercepção que possuem. A tradução mais comum de *Leib*, em português, tem sido a expressão *corpo vivo*, ou *corpo vivenciado*, ou mesmo *corpo subjetivo*, mas, aqui, no contexto da contraposição com as plantas, a expressão *corpo vivo*, mais comum, certamente geraria confusão, uma vez que elas também são corpos vivos. Falar, porém, de corpos vivenciados, em referência aos animais, pareceria exagerado; já a expressão *corpo subjetivo* (tendo em vista o significado de *sujeito* como suporte, e não como subjetividade) possui a vantagem de indicar um corpo que é sujeito/suporte de algum grau de autopercepção, o que é claramente revelado pelos animais não racionais. N. T.]

⁷ iii [Sensitiva: que possui sensibilidade, a capacidade de sentir. N. T.]

1.2.3 A alma e a Estrutura Material do Ser Humano

A *alma do ser humano* não é apenas uma forma interna que estrutura, modela e governa o corpo subjetivo, constatando em si o que acontece ou pode acontecer com ele. Ela é *alma racional*, é *espírito*. Ser apenas forma do corpo subjetivo é, por assim dizer, a sua função mais elementar; porém, ela tem uma *existência singular e mais elevada* do que a do corpo subjetivo; ela deve estruturar, modelar e governar a si mesma, e, ao mesmo tempo, estruturar um mundo em que pode viver e operar: seu *mundo circundante*, um *mundo espiritual*. O corpo subjetivo e a alma, ou seja, a essência toda, composta pelo corpo subjetivo e pela alma, é *uno*, é a *pessoa toda*, e um processo de formação lhe é solicitado; a forma interna trabalha para modelar o corpo subjetivo e a alma conforme ao que lhes é originário. Para isso, o corpo subjetivo precisa de matérias que estruturam a construção do mundo de tipo material; elas devem ser acolhidas e formatadas a partir de dentro. A alma também precisa de matérias estruturantes, mas de outro tipo, matérias espirituais. Ela dispõe de órgãos de recepção que lhe fornecem as matérias necessárias: os sentidos e o entendimento, que são, por assim dizer, funções voltadas para o que a circunda e por ela encarregadas de buscar suprimentos; ao mesmo tempo, ela dispõe de uma força interna mais profunda – designada em alemão pela palavra *Gemüt* – que identifica aquilo que tem ou não valor para ela nos suprimentos obtidos.^{8iv} O que pode ser considerado matéria estruturante para a alma é por ela acolhido em seu interior e dilata-se com ela. Assim, a alma cresce, torna-se rica e ampla, mas, ao mesmo tempo, ela cresce para que cresça o mundo para o qual ela olha compreensivamente e no qual ela pode intervir, modelando-o – trata-se ainda de algo novo em relação aos seres vivos inferiores.^{9v} O que os sentidos e o entendimento põem diante dela é um mundo de

⁸ iv [O termo *Gemüt* é extremamente difícil de traduzir não apenas em português, mas em todas as línguas. Pode-se designá-lo como *estimação/avaliação instintiva*, *sentimento no qual se implica um juízo de valor* e outras expressões ligadas à experiência de perceber valores. Optamos aqui pela tradução como *sentido afetivo*, para enfatizar que *Gemüt* designa uma sensação ou percepção sensível que, junto do que é percebido, capta automaticamente também um valor ou um não-valor. Em outras palavras, o sentido afetivo (que é psicofísico, ou seja, envolve a unidade inextricável entre corpo e alma) capta, junto com o que é percebido, um valor intrínseco a ele (por exemplo, a beleza de um vale, a força pedagógica de uma ação etc.) ou um não-valor (por exemplo, a nocividade de uma atitude, os danos de uma palavra etc.). N. T.]

⁹ v [Os outros seres vivos são ditos *inferiores* por possuírem um modo de ser menos sofisticado do que aquele do ser humano, quer dizer, uma essência menos dotada de capacidades do que a do ser humano. Não se trata de considerá-los menos importantes na ordem dos entes, embora seja verdade que a dignidade humana, pela complexidade e riqueza da estrutura de cada pessoa, deve ser considerada maior. N. T.]

coisas objetivadas,^{10vi} a significação que elas têm para a estrutura do mundo interno, como alimento para a alma, marca-as como *objetualidades de valor* ou *bens*.^{11vii} Se esses bens são produtos do espírito humano, emanados de sua atividade criadora, nós os chamamos de *bens culturais*. Eles acabam possuindo uma existência por si, quer dizer, independente em relação a seus autores. Na maior parte do tempo, eles têm uma coisa material como base de seu ser. Mas o que dá seu valor é algo espiritual; uma “parte” de vida espiritual é misteriosamente captada neles e pode ser recebida pela alma que com eles entra em contato. Quando os consideramos a partir dessa perspectiva, os chamamos de *bens de formação*; e, em relação a seu contato com esse mundo de bens, a alma ganha mais ainda no intercâmbio com os próprios criadores desses bens, as pessoas vivas. No caso particular das crianças, constata-se que sua vida espiritual e anímica vem especialmente de seu entorno humano. Desde que abrem o olho do espírito, quer dizer, despertam como essências espirituais para a vida, encontram-se em um mundo de pessoas e de bens espirituais do qual flui vida. O crescimento da alma e o crescimento de seu ambiente espiritual andam de mãos dadas. O órgão da alma que lhe abre esse mundo é o *intelecto* (expressão de origem latina que podemos traduzir também por *entendimento*, se tomarmos essa palavra em sentido mais amplo e mais livre do que usualmente se faz). O intelecto é *ativo* e *passivo* ao mesmo tempo: ativo, se trabalha em liberdade aquilo que possui espiritualmente; passivo, se acolhe algo circundante que se dá a ele, mesmo que ele não o procure, e cuja posse permite-lhe novamente repousar. A *vontade* participa do desempenho ativo do intelecto. De certa maneira, é nossa responsabilidade *se e como* queremos que o nosso entendimento funcione, bem como, ao mesmo tempo, até onde estendemos o nosso mundo espiritual e quais elementos formativos acolhemos. Tocamos aqui na questão da *autoformação*, mas ainda não estamos suficientemente preparados para enfrentá-la. A alma, por meio de suas “forças”, busca seu alimento no mundo conhecido. Mas sua vida e seu crescimento dependem também de outros fatores. Vista da perspectiva de seu crescimento, *a alma é enraizada no corpo*

¹⁰ vi [Traduzimos aqui o termo *Sachen* por *coisas objetivadas*, a fim de distinguir de *Dinge*, termo que designa *coisas* pura e simplesmente. É útil lembrar que, para o ser humano (que sempre investe sua subjetividade desde o primeiro contato com o que quer que seja), coisas são sempre *coisas conhecidas*, *coisas objetivadas*, pois já são objetos, quer dizer, já se doam a ele como conteúdos captáveis pela subjetividade com tudo o que a integra. N. T.]

¹¹ vii [Traduzimos por *objetualidades de valor* a expressão *Wertgegenständen*. Trata-se de marcar a nuance que distingue os termos *Objekt* (objeto) e *Gegenstand* (o objetual): enquanto *o objeto* designa propriamente a aparição de algo, *o objetual* designa seu modo de aparecer ou o seu *como*. N. T.]

subjetivo, ela é unida e vinculada a ele a ponto, por exemplo, de a saúde e o vigor do corpo subjetivo irrigarem a alma com força e vida, ao passo que a enfermidade e a fraqueza do corpo subjetivo também poderem trazer sofrimento à alma. Por fim, a alma, no seu interior mais profundo, já não experimenta a renovação e a corrente de força dos bens espirituais apenas em virtude do mundo circundante, mas por uma forma-princípio que lhe é derramada da fonte primordial de todo ser e de todo viver pela *graça divina*. Com isso definimos os reinos dos quais a alma pode acolher seu material estruturante. Pelo seu corpo subjetivo, tem a raiz de sua existência plantada no mundo de caráter material; por seus órgãos espirituais, abre para si um mundo objetual do qual desfruta. Com seu fundamento mais íntimo, ela pode crescer rumo a um mundo superior. Sua tarefa, porém, não é apenas acolher e crescer, mas organizar o que é acolhido, para, então, modelar-se, *formar* a si mesma segundo um “molde” ou uma “imagem”, a fim de, para além disso tudo, intervir no mundo circundante e dar-lhe um ordenamento.

2 FORMAÇÃO DO ESPÍRITO

Por esse caminho, chegamos ao conceito de formação com o qual se opera geralmente: a formação *espiritual*, a formação humana; a alma deve modelar-se.

2.1 EDUCAÇÃO DAS FORÇAS

Trata-se do que ocorre quando a alma dá forma a seus *órgãos*: sentidos, memória, imaginação, entendimento, sentido afetivo, vontade. Eles são treinados quando os exercemos da maneira apropriada a cada um. A esse treinamento das forças anímicas chamamos de *educação*. Por exemplo, o *sentido da visão* só pode ser educado se o ser humano treinar-se no *ver*, isto é, no perceber, distinguir, reconhecer cores, brilhos, formas; o *sentido da audição* só pode ser educado se se exercita respectivamente na identificação de sons, tons, ruídos. A *memória*, por sua vez, é treinada quando ela se exercita em reter e trazer novamente à tona o que foi acolhido; já o *entendimento* treina-se por meio do pensar e do conhecer – apesar de que, se ele apenas fixar em fórmulas prontas resultados do trabalho de pensamento de outros, o que se treina é somente a memória, e não o entendimento mesmo. Quanto ao *sentido afetivo*, ele é “educado” (embora aqui o termo *modelado* pareça mais correto) quando é posto em movimento pelo encontro com objetualidades ou eventos de valor, ou, pelo menos, de significação para a pessoa. Por fim, a *vontade* é treinada pelo exercício da escolha,

da deliberação, da superação, da perseverança e assim por diante. Para exprimir a educação tal como aqui visualizada, costuma-se usar também a expressão *formação formal*. Ela não é muito apropriada, porque a força singular que se torna performática pelo treinamento, não é já um “moldar-se” por si mesma. Tal expressão só passa a ter sentido se as forças educadas fizerem parte da estrutura de toda a alma, bem como se a educação integrar o processo de formação. Além disso, a formação formal nunca é apenas formal. Nenhuma educação é possível sem material que lhe corresponda. Só se podem exercitar os sentidos acolhendo dados sensíveis; e o entendimento, refletindo sobre algo, reconhecendo algo, abrindo-se a algo e assim por diante. Assim, cada ocasião que se oferece para a educação das forças da alma é acompanhado do respectivo material. No entanto, é certo que nem todo material serve efetivamente à formação das forças da alma. O que os sentidos e o entendimento acolhem e guardam na memória, tanto como o que muitas vezes é equivocadamente significado por “formação”, não passam de matéria inerte se não forem acolhidos no interior da alma. A alma os carrega como uma posse externa, e não como integrantes dela mesma. É como um alimento não digerido que não ajuda a estruturar o corpo, mas sobrecarrega-o como um elemento estranho. O que, em vez disso, é acolhido no interior da alma passa a integrá-la e pertence inseparavelmente a ela, assim como a carne e o sangue no corpo. Como é no interior da alma que se dá a transformação do material acolhido e, portanto, da própria alma, então, no que toca particularmente ao sentido afetivo, a expressão *formação do sentido afetivo* mostra-se mais apropriada do que *educação do sentido afetivo*.

2.2 TRATAMENTO DAS MATÉRIAS; FORMAÇÃO DA ALMA

O que significa, então, dizer que a alma deve organizar a matéria espiritual acolhida do mundo circundante e modelá-la por sua ação ordenadora? Significa que lhe cabe uni-la estreitamente ao que ela já é por natureza; e o que ela já é por natureza é, a um só tempo, universal (a alma humana em geral) e individual (a singularidade da alma individual). Esses dois elementos – o universal e o individual – não devem ser considerados elementos isolados, mas uma unidade inseparável *realiter* [em latim, realmente]: nenhuma alma pode existir a não ser em uma manifestação individual. A disposição natural da alma é, por assim dizer, uma forma fundamental na qual ela deve ordenar tudo o que recebe ao longo da vida. A forma não é pronta de saída, mas só se manifesta no decurso de seu desenvolvimento, de mãos dadas com a acolhida de matérias espirituais, assim como uma semente se desdobra em uma planta. Há nessa

forma um centro e uma periferia, uma profundidade e uma superfície. (Não dispomos de outra maneira para exprimir o que é puramente espiritual e não espacial, a não ser por meio de imagens do mundo espacial visível.) Entre as matérias acolhidas, há as que ficam na superfície e as que tocam a profundidade. Uma legalidade^{12viii} rege esse ordenamento: trata-se da *razão*. Ela reflete o ordenamento do mundo circundante, o que faz que a alma seja chamada de “pequeno mundo” ou *microcosmo*, imagem do “grande mundo” ou *macrocosmo*. Chegou-se a tomar as “representações” ou os “conceitos” do espírito cognitivo como cópias do mundo conhecido, mas pode-se também compreender que as matérias de formação, acolhidas do mundo circundante pela alma, devem ser nela dispostas segundo a função e a significação dos objetos correspondentes na estrutura do grande mundo. Quando a alma se forma assim, quando nela tudo está “em seu devido lugar”, então nela há repouso, clareza e paz; ela é “modelada harmoniosamente”. Mas isso não significa que ela já não tenha mais “nada a fazer”. Inércia e inação são peculiaridades do que é material. O espírito é ativo e vivaz. Se a alma é preenchida de material espiritual nela acolhido e o processa racionalmente, então é operante e sempre prestes a agir. Com o alimento espiritual, ela recebe impulsos para criar e modelar; por sua essência mesma, ela os configura, em seu próprio interior, segundo modelos, e é chamada ao mundo que a circunda, a fim de testemunhar, por atos e obras, o que nela se passa. Essa eficácia voltada para o que a circunda e que se autoexprime, criar e modela integram essencialmente a personalidade; por isso, a educação das habilidades práticas e criadoras, correspondentes às aptidões para a ação, constitui um dado essencial o processo de formação. Eis aí certamente o sentido mais claro do *trabalho educacional*.¹³

3 FATORES FORMADORES

Tomemos o seguinte ponto de partida: formar é dar forma a um material segundo uma modelagem, segundo uma imagem. Já refletimos sobre o que pode ser considerado material nesse caso e sobre qual tipo de modelagem é possível efetivar.

¹² viii [*Legalidade* traduz o termo alemão *Gezetzlichkeit*, que não possui apenas sentido jurídico (a legalidade como o caráter do que é estabelecido como norma ou como outros dispositivos jurídicos), mas também antropológico-estrutural, pois designa, em seu significado mais geral, o modo de se ser de algo cujas possibilidades são previstas em sua essência e não ocorrem por simples acaso. De certa maneira, pode-se aproximar o sentido geral da *legalidade* ao das potências ou possibilidades inscritas na natureza de um ente. N. T.]

¹³ <Cf. KERSCHENSTEINER, G. *Der Begriff der Arbeitsschule*. Leipzig, 1912.>

Mas ainda restam outras perguntas: Qual é a imagem segundo a qual a alma deve ser modelada? Quem ou o que é o sujeito da atividade formadora? Gostaria de começar pela segunda questão, porque, sem sua solução, fica difícil responder à primeira.

3.1 “TODA FORMAÇÃO É AUTOFORMAÇÃO” – SENTIDO DE FORMAÇÃO E DE SI MESMO

A frase escolhida como princípio norteador do currículo deste ano^{14ix} parece oferecer uma resposta à questão de saber quem ou o que é o sujeito da atividade formadora: *Toda formação é formação de si mesmo*. No entanto, é preciso questionar o sentido dado a essa frase. Perguntamos: Podemos resumi-la na palavra ambivalente *formar*, isto é, na atividade formadora? Isso significaria: “Todo formar é formar a si mesmo, porque, em toda ação formadora, quem ou o que age forma a si mesmo; quer dizer, o sujeito e o objeto da ação são o mesmo”. Se, em vez disso, consideramos a formação resultado de um trabalho formador, assim como um modelo envolve aquilo que é modelado, então se entende evidentemente: “Toda formação é formação de trabalho de si mesmo.” Todavia, caso se compreenda por *formação* – de acordo com o modo costumeiro de falar, mesmo se ele não é o mais apropriado – o material acolhido do entorno, então se tem de avaliar bem a frase segundo a qual toda formação é formação auto-adquirida. Se se quiser (como faz o Dr. Josef Dolch)¹⁵ excluir do conceito de formação a correlação entre o operar e o resultado do operar, tomando a palavra que designa o processo formador como mero indicativo de um processo de crescimento, então linguisticamente seria mais correto eliminar totalmente o “si mesmo” e dizer: “Toda formação é crescimento.” No máximo, seria possível acrescentar, por uma questão de clareza, que o “si mesmo” indica alguém que se forma a si próprio. Isso excluiria a correlação entre alguém que forma e alguém que é formado. Todavia, ainda sob essa perspectiva, lá onde a *formação* é entendida como atividade formadora, reconhecer-se-á a correlação entre formar e ser formado, mas tal atividade é apresentada como atividade reflexiva, excluindo outro sujeito ou objeto da atividade. Se, porém, a formação

¹⁴ ix [Ao mencionar o ano em que apresentava essa conferência (1930), Edith Stein referia-se ao ano escolar (iniciado no fim do verão e início do outono, como ocorre em geral na Europa) para o qual certamente os professores católicos do Palatinado (seus ouvintes) haviam escolhido como tema ou eixo norteador a frase que Edith Stein exprime logo em seguida. N. T.]

¹⁵ <Cf. DOLCH, J. “Die Lehre von der Spontaneität des Bildungsvorgangs in der Geschichte der Erziehungswissenschaft.” *Volksschulwart. Monatschrift für ausübenden Erziehungs- und Unterrichtsfähigkeit* 18/6 (1930) p. 277-311.>

é considerada uma posse adquirida ou uma forma elaborada da personalidade, isso significa correlação com outrem, a quem se deve essa formação como algo que provém da sua atividade própria. Essas são as várias interpretações sugeridas pelos temas 5, 6 e 8.¹⁶ É em função Dependendo da diferença de sentido que se terá de analisar se e em qual medida pode-se concordar com a frase aqui em questão.

Tomemos em primeiro lugar a interpretação da formação como crescimento pelo qual ela própria pode excluir uma *atividade* formadora.

3.2 A DISPOSIÇÃO NATURAL COMO FATOR EDUCACIONAL

Se pensarmos detidamente sobre o que significa *crescimento* na linha que apresentamos há pouco, fica difícil concordar com tal posição. Em todo crescimento encontra-se um agir e um receber esse agir como duas dimensões de uma mesma coisa objetivada.^{17x} Há um material acolhido e formado, bem como uma forma que acolhe e forma. Todavia, o *agir* aqui não é livre, mas natural. Assim, mesmo na teoria da formação como crescimento, se vamos até seus detalhes mais centrais, não podemos eliminar o agir. Tomemos então o “formar” como atividade: o sujeito da formação formaria a si mesmo. Podemos também dizer que o que alcança a formação a alcança por si mesmo. Perguntemos: Com base em nossa análise anterior da formação, podemos concordar com isso? Se incluirmos os estágios inferiores da formação, devemos dizer: matérias inertes não são formadas por si mesmas, mas por uma atividade formadora vinda de fora delas. Já em seres vivos não espirituais, a formação ocorreria a partir de dentro, mas, neles, o que forma e o que é formado são diferentes: o que é formado é um material de disposições naturais e matérias recebidas do exterior; e o que forma é um princípio imaterial que, juntamente com o material vivo a ser formado, modela a singularidade de cada ser vivo. É só partindo dessa unidade que se pode dizer que o ser vivo forma a si mesmo. Mas, ainda, o formar não é uma ação livre e consciente. Ele pode ser determinado por fatores externos, e um ser que age livremente pode intervir no processo formador de acordo com algum propósito, mas apenas levando em conta as leis naturais de tal processo formador. Aqui, portanto, forças externas e internas operam juntas visando à formação.

¹⁶ <Não é possível determinar com precisão a que se refere Edith Stein com esses números. Talvez eles correspondam a itens de algum texto tomado como norteador da reflexão sobre a atividade pedagógica daquele ano escolar de 1930-1931.>

¹⁷ x [Sobre a expressão *coisa objetivada*, ver, acima, nota vi. N. T.]

3.3 O AGIR LIVRE

Como no caso dos seres vivos inferiores,^{18xi} a formação do ser humano é efetivada pela forma interna, a disposição germinal natural que determina o desenvolvimento do corpo subjetivo e da alma. Observa-se, porém, outro sentido no ser humano, a saber, o de que ele *forma a si mesmo*. Vimos que a atividade dos órgãos espirituais que alimentam a alma é uma atividade *livre*. A pessoa livre é um *si mesmo* que se toma em suas próprias mãos; quer dizer, seu corpo subjetivo e sua alma estão – embora não incondicionalmente – sob a direção da vontade. O ser humano pode obter do mundo circundante alimento pronto para seu corpo subjetivo e sua alma; pode também escolher o que lhe é apropriado e afastar o que lhe é prejudicial; certamente, pode falhar ao tentar fazê-lo; e pode ainda “negligenciar a si mesmo”, o que torna responsável sua se permanece “sem forma” ou “mal formado”. Mas também já vimos que ele não é o *único* responsável por tudo isso, uma vez que ele não consegue “fazer de si mesmo” tudo o que quer. Sua vontade racional é limitada por sua disposição natural; e se ele tenta vencer isso, não corresponde ao que lhe é reservado, e isso não lhe dá uma formação efetiva, mas uma aparência de formação, “verniz exterior”. A partir daqui fica também claro o sentido da *educação de si mesmo*. Nós já constatamos que a educação é formação de forças por meio do agir. Na medida em que essa atividade é subordinada à liberdade da pessoa (como é claramente o caso da atividade do entendimento e da vontade), o sujeito livre *pode* educar a “si mesmo”, mas também aqui, sempre dentro dos limites estabelecidos pela natureza. Onde faltam os dons naturais necessários, pouco pode ser alcançado por treinamento. Além disso, nem *toda* educação provém do sujeito livre. As forças também podem ser estimuladas e treinadas de maneira “involuntária”. Se, porém, em vez disso, se toma o “si mesmo” no sentido da pessoa inteira, é também verdade que ela deve acionar suas forças, a fim de educá-las, mas sem excluir a cooperação dos outros. Assim, na frase “Toda formação é formação de si mesmo”, confirma-se o duplo significado do “si mesmo”: inicialmente, significa o sujeito do livre-arbítrio, com os “atos livres” condicionados pela vontade; mas, na sequência, indica toda a pessoa humana. Se nos baseamos no primeiro significado, temos de tirar o “toda” da frase sobre a formação, pois o processo formador, mesmo anímico, começa, como no caso da criança, antes de ela chegar ao uso da liberdade e poder modelar sua própria formação, e até mesmo antes de poder admitir ou rejeitar as impressões que recebe e que agem sobre ela. Porém, se tomarmos o “si mesmo” no sentido de toda a pessoa humana, então a sentença é provavelmente correta; apenas não se deve incluir nela que a formação depende apenas de quem se forma.

¹⁸ xi [Sobre o sentido em que se fala de seres inferiores, cf., acima, nota v. N. T.]

3.4 AS MATÉRIAS FORMADORAS CIRCUNDANTES

Como vimos, em grande parte, o “si mesmo” obtém suas matérias formadoras a partir do que o circunda; e, sem as matérias formadoras adequadas, não pode obter a formação para a qual é habilitado a partir de seu íntimo. O erro no uso generalizado da palavra *formação*, a saber, considerá-la uma espécie de apropriação de elementos externos e chamar de “formado” a alguém que adquiriu certos conhecimentos, não consiste apenas em acreditar numa suposta formação vinda de fora, mas também em confundir com a própria formação as matérias formadoras não processadas. A formação depende, portanto, da presença e da disponibilidade das matérias necessárias. Esse é um terceiro fator, ao lado da disposição natural e da atividade livre, de quem é formado.

3.5 FORMAÇÃO HUMANA

Além disso, não se pode negar que o ser humano – pelo menos enquanto não pode trabalhar livremente em sua formação – depende da atividade de outros, que podem e devem fornecer-lhe as matérias formadoras necessárias; numa palavra, depende de *formadores* humanos. Enquanto a formação de uma pessoa depende da livre atividade dos que estão no seu entorno, do fazer ou deixar de fazer, há um dever e uma responsabilidade destes que estão no seu entorno em relação à sua formação. No entanto, a intervenção deles no processo formador só pode consistir em fornecer matérias ao objeto de seu trabalho de formação; essas matérias devem ser tão apropriadas como possível e apresentadas da forma mais propícia possível ao acolhimento. *Se* elas são efetivamente absorvidas, isso já não depende do formador humano: como diz a Bíblia, Paulo plantou, Apolo regou, mas é Deus que faz crescer.¹⁹

3.6 DEUS FORMADOR

Essa temática leva-nos a um último ponto possível na reflexão sobre os fatores formadores. De acordo com nossa fé, a formação do ser humano é obra da Providência Divina. Deus deu ao ser humano sua disposição natural como um germe destinado a brotar e desenvolver-se. De vários fatores externos, bem como da vontade livre,

¹⁹ <Cf. 1Cor 3,6.>

fez depender o processo de desenvolvimento do ser humano. Deus prevê^{20xii} com absoluta clareza a interação e o resultado desses múltiplos fatores, mas eles não podem ser percebidos pelo olhar humano, e sim apenas sentidos e pressentidos em um claro-escuro.^{21xiii} Ele reservou para si uma forma específica de intervenção nessa dinâmica. Assim como ocasionalmente – no que se costuma chamar de *milagres* – ele intervém no curso dos eventos da natureza circundante e permite que as coisas tenham efeitos não previstos em sua natureza, assim ele também opera “milagres” no mundo interno do ser humano: a isso chamamos de ação da Graça. Nenhuma matéria formadora própria do campo das obras humanas nem nenhuma medida formadora de um educador pode modificar a natureza de uma pessoa, mas ajudá-la a orientar-se rumo a tal ou tal direção formadora possível. Deus, porém, pode conceder dons que não havia posto na natureza, assim como também pode remover restos herdados ou enraizados na alma por causa de alguma culpa. Ele pode, então, transformar a natureza e, assim, a partir de dentro, influenciar o desenvolvimento da formação de modo bastante surpreendente e admirável tanto para a pessoa a quem isso acontece como para o mundo circundante.

²⁰ xii [*Prever* não é um verbo adequado para ser atribuído a Deus, pois, sendo fora do tempo e vivendo como que em um presente eterno, sem sucessão, início ou fim, ele simplesmente *vê*. Mas é comum afirmar que Deus “prevê”, pois essa afirmação corresponde à nossa maneira temporal de referirmo-nos ao olhar divino sobre a história humana. Assim, da perspectiva divina, ele vê a história inteiramente realizada diante de si; já da nossa perspectiva e para haver entendimento de nossas afirmações, dizemos que ele prevê o que ainda é futuro para nós. N. T.]

²¹ xiii [Edith Stein refere-se ao conhecimento humano da interação e do resultado dos múltiplos fatores formadores como marcado por certa clareza e grande obscuridade. Optamos, então, por empregar a expressão *claro-escuro*, privilegiada por ela em muitas de suas obras. Essa expressão é comum em diversos contextos, tanto literários como filosóficos, científicos, religiosos, artísticos etc. Ela designa um tipo de conhecimento ou percepção no qual uma dimensão ou uma “parcela” do que é conhecido resiste sempre a domínio cognitivo total. Assim, há clareza, porque há conhecimento, mas há também escuridão, porque o conhecimento nunca será total. Em discursos científicos, ela aparece, por exemplo, quando um cientista reconhece que fazer uma teoria sobre certos fenômenos físicos dos quais não há nem pode haver experiência direta (o Big Bang, por exemplo) implica operar com alguns dados claros, porém sempre envoltos por um quociente insuperável de incompreensibilidade. Mas talvez seja na poesia e no discurso religioso, especificamente sobre o conhecimento típico da fé, que essa expressão é mais empregada: do lado da poesia, há sempre um *elã* inexplicável, irresistível e imponderável que leva à escrita; e, do lado da religião, a fé como ato de conhecimento e amor só pode ser claro-escuro, uma vez que Deus, seu conteúdo, não pode ser inteiramente compreendido pela inteligência humana limitada, menos ainda exprimível em fórmulas que pretendam retratar com fidelidade e de maneira definitiva o seu ser íntimo. Em particular no discurso místico insiste-se no caráter claro-escuro da experiência de Deus, pois, mesmo deixando uma certeza inabalável e mesmo uma “compreensão” na interioridade de quem encontra Deus, tal experiência é marcada pela incapacidade de produzir uma narrativa que explique a vivência do encontro com o ser totalmente Transcendente.]

4 O ORIGINÁRIO

Resta ainda uma questão a tratar: segundo qual imagem forma-se o ser humano? Para responder a essa questão, devemos retomar todos os fatores que interferem na formação. Enquanto um ser humano não trabalha ativa e livremente em sua formação, não tem nenhuma imagem do que deve ou quer tornar-se. Seu decurso formador sem consciência segue apenas uma inclinação interna para uma finalidade, assim como ocorre com as plantas e os animais. Mas, a partir do momento em que, consciencioso, começa a trabalhar a si mesmo, uma imagem aparece diante de seu olhar. Ele também pode vê-la no que o circunda: pode escolher um ser humano como modelo a quem deseje imitar. Todavia, dado que as naturezas dos seres humanos são muito distintas, sempre há o risco, nas imitações, de visar algo que não está dado como possibilidade na natureza do aspirante. Nesse caso, não se dá nenhuma formação efetiva a partir de dentro, mas, no máximo, uma reprodução de “como alguém pigarreia e cospe.”²² É somente quando a aspiração amplia-se a aspectos humanos comuns e acessíveis a todo indivíduo, ou se funda num parentesco real de naturezas, que ela pode levar a uma formação autêntica. Algo semelhante se dá com um ideal formador espiritual que alguém porta em si e ao qual se esforça por atingir. Esse ideal só pode ser efetivamente formador se estiver em harmonia com a natureza singular. O mesmo ocorre, no fim das contas, com o trabalho formador oferecido aos outros. Segundo as diferentes visões-de-mundo, os formadores têm, diante de seu olhar, como imagens-finalidades, os mais diversos ideais formadores. Porém, é apenas se a forma-finalidade de cada ser humano unir-se ao que lhe é designado como indivíduo que se pode esperar que o trabalho formador seja coroado de sucesso. Mas aquilo que é designado ao ser humano como ser humano e aquilo que é oferecido ao indivíduo como finalidade não são visíveis para ninguém. Alguns aspectos são reconhecidos; outros são sentidos e pressentidos. Apenas Deus vê tudo clara e completamente, ele que estabelece a finalidade de toda natureza e nela coloca a aspiração a tal finalidade. Deus criou o ser humano à sua própria imagem,²³ mas essa imagem, em sua perfeição, é algo a que só ele tem acesso. Nós a vemos em muitas imagens que a representam imperfeitamente, cada qual apresentando diferentes aspectos: as criaturas. No entanto, o que há de mais perfeito na mais perfeita das criaturas vemos no Filho de Deus e na Palavra da Revelação que Deus

²² <Frase tirada de Friedrich Schiller, *Wallensteins Lager*, 6º ato, p. 208.>

²³ <Cf. Gen 1, 27.>

nos dirige. Devemos acolher ao máximo essa imagem, para que ela se torne uma forma interna e nos molde a partir de dentro. Devemos ainda, à medida que nossas forças o permitam, buscar conhecer a nós mesmos e aquilo a que somos chamados, bem como os outros cuja formação nos é confiada. Mas nunca chegaremos à posse perfeita desse conhecimento, nem para nós mesmos nem para os outros; portanto, nunca seremos capazes de conduzir nosso trabalho formador, nem em nós nem nos outros, com certeza infalível. Seguramente só partiremos rumo a tal conhecimento se nos confiarmos incondicionalmente às mãos daquele que é o único a saber o que merecemos tornar-nos e que tem o poder de nos conduzir até lá – com a condição, é claro, de que sejamos pessoas de boa vontade.